



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS-FAECS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR

MARIA LUCIA PINHEIRO CARDOSO

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA MINHA VIDA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL.

ABAETETUBA-PARÁ
2018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS-FAECS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR

MARIA LUCIA PINHEIRO CARDOSO

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA MINHA VIDA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais - FAECS da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR, sob a orientação da Professora Roseane Peixoto.

ABAETETUBA-PARÁ
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

C268h Cardoso, Maria Lúcia Pinheiro.
História e memória da minha vida e a formação profissional /
Maria Lúcia Pinheiro Cardoso. — 2018.
34 f. : il.

Orientador(a): Prof^a. MSc. Rosiane Moraes Peixoto
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Memória. 2. Formação. 3. PARFOR. I. Título.

CDD 370

MARIA LUCIA PINHEIRO CARDOSO

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA MINHA VIDA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL.

Trabalho acadêmico de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais - FAECS da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR.

Data de Aprovação: ____/____/____

Banca Examinadora:

Orientadora Professora Rosane Peixoto
Universidade Federal do Pará

Examinador 1
Universidade Federal do Pará

Examinador 2
Universidade Federal do Pará

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus familiares que me incentivaram e apoiaram, meus professores e amigos que contribuíram para realização deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me proporcionado a inspiração necessária para escrever este memorial.

Agradeço ao meu filho Joao Gabriel, Que graças a ele eu tenho uma vida repleta de alegrias, o que me motiva a escrever um pouco de minhas memórias e compartilhar conhecimentos que adquiri.

Aos meus pais Osvaldina e Simeão, primeiros mestres na arte de viver.

Ao meu esposo Jonilson Reis, pela compreensão da minha ausência e companheirismo.

Aos meus irmãos pelo amor e carinho que sempre tiveram com a minha pessoa, em especial a irmã Maria Luiza, pelo incentivo e apoio sempre que precisei.

As minhas colegas de curso pelo companheirismo e auxílio nos estudos em grupo, cujo apoio nas discussões me auxiliaram no percurso desta caminhada, mesmo nos momentos mais difíceis em especial: Maria Lucia, Luana, Rosiléa e Nelma.

Aos meus mestres, minha eterna gratidão àqueles que repartiram comigo os seus conhecimentos e saberes.

A minha orientadora professora Rosane Peixoto por ter me ajudado e orientado para a conclusão deste curso.

Agradeço a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra contribuíram para a conclusão desse curso.

EPÍGRAFE

“Ser professor é a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”.

Paulo Freire (1996).

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar e analisar a minha trajetória de vida, considerando as práticas educacionais vivenciadas na minha infância, experiências em família, a formação acadêmica e à docência, observando as influências destas fases em minhas práticas pedagógicas. Enfim, dos acontecimentos que foram marcantes e merecem ser lembrados, porque foram bons ou ruins. Este trabalho tem por finalidade apresentar de forma discursiva, circunstanciada numa perspectiva histórica, toda essa minha trajetória de vida fazendo também uma análise das atividades acadêmicas que desenvolvi ao longo do período de formação e na atuação profissional. Para desenvolvimento desse memorial utilizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa que tem como método a história de vida ou método (auto) biográfico. Os resultados alcançados que relato aqui foi como o processo de formação reverteu-se numa tomada de consciência, acerca de meu papel como educadora e as mudanças que essa prática provoca em meu dia- a- dia com as crianças e na escola. Estabelecendo também relações entre as teorias estudadas no curso de pedagogia e a prática pedagógica em sala de aula.

Palavras Chave: Memória. Formação. PARFOR

ABSTRACT

The present work aims to present and analyze my life trajectory, considering the educational practices experienced in my childhood, family experiences, academic formation and teaching, observing the influences of these phases in my pedagogical practices. At last of the events that were remarkable and deserve to be remembered, because they were good or bad. And this work has the purpose of present in a discursive, circumstantial and historical perspective, all this my life trajectory also making an analysis of the academic activities that I developed during the period of formation and in the professional performance. For the development of this memorial was used a research of qualitative approach that has as method the history of life or (auto) biographical method. The results I have achieved here are how the formation process reverted to an awareness of my role as an educator and the changes that this practice causes in my day-to-day with children and at school. Also establishing relations between the theories studied in the pedagogy course and the pedagogical practice in the classroom.

Keywords: Memory. Formation. PARFOR

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I MINHAS VIVÊNCIAS NA INFANCIA E ADOLESCÊNCIA.....	12
1.1 A gênese de minha vida	12
1.2 A importância da família para a minha formação.....	14
1.1 Minha infância ribeirinha.....	15
CAPÍTULO II- O PERCURSO DE MINHA ESCOLARIZAÇÃO.....	18
2.1 O ingresso na escola	18
2.2 Aprendendo a ser professora.....	22
CAPÍTULO III- O INGRESSO NO PARFOR E A FORMAÇÃO SUPERIOR	24
3.1 A entrada no curso superior	24
3.2 Contribuições do curso de pedagogia-PARFOR e a minha prática docente.	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

É sabido que o memorial é a revisão de toda a biografia de uma determinada vida, descrevendo os fatos corridos em toda a sua trajetória. Esta escrita irá requerer de quem a escreve a ação de entrar e sair do seu passado articulando com a pesquisa proposta, o processo de ensino e os desdobramentos da aprendizagem nos processos de formação, mais especificamente a formação profissional.

Diante desse cenário esse memorial tem por objetivo narrar sobre a minha história de vida, em relação aos aspectos pessoal, profissional e acadêmico. E especificamente trazer à tona as experiências diversas como profissional docente; relatar os desafios e superações no curso de pedagogia como estes foram elementos importantes para a mudança em minha prática pedagógica. A narrativa por sua vez envolve algumas situações difíceis e lembranças felizes do meu cotidiano.

Recordar o passado não é algo simples, pois na opinião de Moraes (1992), memorial é um retrato crítico do indivíduo visto por múltiplas facetas através dos tempos, o qual possibilita interferências de suas capacidades. E nessa perspectiva, relato as vivencia que tive na minha terra natal, município de Abaetetuba localizada no Pará, no Brasil, pertencente à microrregião de Cametá que, por sua vez, integra a mesorregião do nordeste paraense. É a cidade-polo da Região do Baixo Tocantins e a 7ª mais populosa do Estado.

O município de Abaetetuba encontra-se distante, em linha reta, 72 km de Belém (capital). Localizado à margem direita do rio Maratauíra, um dos afluentes do estuário do rio Tocantins, integra a Microrregião de Cametá (mesorregião do nordeste paraense). As coordenadas geográficas indicam 01°43'31'' S e 48°53'31''. Possui uma área territorial de aproximadamente 1.610,606 Km². A população urbana é estimada em 86.614 pessoas, distribuídas em 17 bairros, em uma área de aproximadamente 17 Km², enquanto 60.653 residem na zona rural, compreendendo a região do arquipélago (72 ilhas) e região das estradas (Distrito de Beja e 49 colônias agrícolas), conforme dados do (MACHADO, 1996).

Pela primeira vez em minha vida escrevo um memorial. Para mim foi um desafio, pois, tive que ir em busca de informações presentes e passadas, e algumas dessas informações ao longo dos tempos foram esquecidas por mim, já outras vieram com sentimentos de alegria, gosto de quero mais e também tristezas, por isso vejo que essa tarefa exige com afundo a nossa exposição interior.

Hoje escrevendo, posso perceber como as coisas mudaram: a minha vida pessoal e profissional, os estudos, as pesquisas, enfim, vejo como é importante aproveitar cada fase de nossa vida, acompanhar e estar sempre em busca do novo e do melhor para nossa vida.

Portanto, hoje ao tentar escrever sobre a minha pessoa, minha história, vejo que através das vivências do dia a dia, das aulas da UFPA, adquirir novos conhecimentos e crescer como pessoa e principalmente profissionalmente, porém não pretendo parar por aqui e sim buscar mais conhecimentos para abrilhantar minha prática docente. Enfim, assim é a vida, um eterno processo, inacabado, aberto a mudanças e a inovações.

Como metodologia optou-se por realizar a pesquisa autobiográfica que segundo Abrahão (2001, p. 06):

É um método que se constitui, dentre outros elementos, pelo uso de narrativas produzidas por solicitação de um pesquisador, estabelecendo, pesquisador e entrevistado, uma forma peculiar de intercâmbio que constitui todo o processo de investigação, com a intencionalidade de construir uma memória pessoal ou coletiva procedente no tempo histórico.

Ainda para a autora trabalhar com as narrativas orais não é simplesmente recolher objetos, em contextos narrativos múltiplos, mas sim, “participar na elaboração de uma memória que quer transmitir-se a partir da demanda de um investigador” (ABRAHÃO, 2001, p. 06). Por isso, o estudo “autobiográfico é uma construção da qual participa o próprio investigador, razão pela qual, dada a particularidade de seu modo de produção, é, seguramente, a forma de máxima implicação entre quem entrevista e a pessoa entrevistada” (ABRAHÃO, 2001, p. 07).

O memorial está estruturado em três capítulos. O primeiro narra sobre o meu nascimento passando pela infância, importância da família para a minha formação e a minha infância ribeirinha.

No segundo capítulo realizo reflexões a respeito de meu ingresso na escola, bem como aprendendo a ser professora.

E no terceiro e último capítulo abordo sobre a entrada no curso superior e as contribuições do curso de pedagogia-PARFOR para minha prática docente.

CAPÍTULO I MINHAS VIVÊNCIAS NA INFANCIA E ADOLESCÊNCIA

O presente capítulo tem como objetivo narrar sobre o início de minha vida, passando pelo nascimento e os primeiros anos de vida em seguida a importância da família para a minha formação e a minha infância ribeirinha.

1.1 A gênese de minha vida

Nasci em Abaetetuba, mais precisamente no dia 29 de abril de 1985, meus pais moravam em uma das ilhas de Abaetetuba, no rio Ajuá a quase três horas de viagem a barco. Era um local farto de alimento, principalmente de açaí, camarão e peixe.

A cidade de Abaetetuba tem um Patrimônio histórico, paisagísticos e culturais digno de ser visitado e admirado, tem uma herança significativa no que tange à diversidade, cultura e sociabilidade tanto em sua geografia quanto em sua política social, envolvendo uma extensão que designa ilhas, rios, furos, igarapés, regiões de várzeas, terra firme, estradas, ramais e florestas, onde contemplam as inúmeras iguarias que satisfazem os mais diferentes gostos Barros; Silva (2013, p. 04).

A atividade econômica, segundo Barros (2009, p. 03), “está baseada, principalmente, nas atividades da pesca, do extrativismo, sobretudo do açaí, e na agricultura”. Ainda para esse autor.

[...] são desembarcadas, diariamente, cerca de 10 toneladas de pescado; uma parte fica no município e a outra é distribuída para cidades vizinhas e Belém. O açaí é outra produção importante. O mesmo local em que funciona a feira, pela manhã, no período da tarde, transforma-se num estacionamento de caminhões, que encostam diariamente para fazer o carregamento do açaí, o qual, em épocas de produção, chega todos os dias das ilhas (BARROS, 2009, p. 03).

Como se pode perceber Abaetetuba no setor agroflorestral, destaca-se como o 2º maior produtor de açaí do Pará, como o 3º maior produtor de bacuri e cupuaçu, e como o maior produtor de manga do estado. Outras culturas também marcam fortemente a agricultura abaetetubense, como mandioca, coco, brinquedo de miriti e as atividades artesanais em geral (BARROS, 2009).

Nasci nessa linda cidade do estado do Pará, considerada por muitos como a perla do Tocantins, no dia 24 de abril de 1985. Sou a caçula de 10 irmãos.

De acordo com a minha mãe eu era uma criança muito doente, e por esse fato, tanto meus pais quanto irmãos tinham cuidado especial comigo, principalmente pela questão de em

determinados períodos de minha enfermidade aonde eu chegava a perder os movimentos das pernas, ficava sem andar, tendo algumas limitações, sofria de reumatismo no osso, e vivia carregada pela família segundo as memórias de minha mãe, houve um período em que fiquei internada em um hospital em Belém, com pneumonia e isso me deixou um longo período longe da escola e com saudade de meu lugar.

Nessa época onde morávamos, a economia girava em torno da fabricação de produtos oriundos da argila, mas conhecido no local como “barro”, que fabricava o tijolo e a telha e era no que meu pai trabalhava. Ele tinha uma olaria (local onde se fabricava o tijolo e a telha).

Segundo Kozievitch *et al.* (2000) o termo Argila permite vários conceitos subjetivos e interpretativos, tornando-o, de certa forma, indefinível e com vários sentidos. “Esses vários conceitos de argila são funções da formação profissional, técnica ou científica dos que por ela se interessam (geólogos, pedólogos, agrônomos, químicos, ceramistas, etc.)” (p.04).

Para um ceramista um material natural que quando misturado com água se converte numa pasta plástica. Para um petrolista é uma rocha, enfim e finalmente, para um leigo uma argila ou barro é um material natural onde, quando úmido, a bota ou o pé escorrega (KOZIEVITCH *et al.*, 2000, p. 04).

Este produto natural se desenvolve, quase sempre, plasticidade em meio úmido e endurece depois de seco e, mais ainda, depois de cozido. Este por sua vez era muito utilizado pela minha e outras famílias para a produção de produtos como: tijolos, telha, vasos, gerando renda e crescimento econômico para as famílias locais.

Além do trabalho com a argila meus pais eram donos de mercearia onde lá se vendia de tudo como gêneros alimentícios, materiais de limpeza entre outros. Meu pai tinha um barco, onde viajava para vender sua fabricação de tijolo e telhas. Embora meus pais trabalhassem muito e nós filhos também, ajudando a quebrar caco, a pescar, a apanhar açai, isso na maioria das vezes íamos sem vontade. Porém se nós recusássemos a cumprir com ajuda, era um desrespeito as ordens dos mais velhos.

Com o passar dos tempos devido o produto (argila) ser muito explorado, extraído, ela foi diminuindo e o trabalho ficou escasso. Mas meus pais não queriam seus filhos só trabalhando, pensava em um futuro melhor, e já que a educação era precária no sentido de não ter escolas, universidades, professor, nos mandou para a cidade de Abaetetuba para estudar e cursar uma universidade. Dos 10 irmãos somos 04 formados, todos na área da educação.

1.2 A importância da família para a minha formação

Segundo Furtado (2003) do ponto de vista “histórico e sociológico, o termo “família”, em sua origem, não se aplicava sequer aos cônjuges e filhos, remetendo-se somente aos escravos”.

A esse respeito Engels (*apud*, Bilac, 2000, p. 22), “tal expressão romana, derivada de *famulus* (escravo), denota um conjunto de escravos pertencentes a um mesmo homem, e foi criada para nomear um organismo social, caracterizado pela presença de um chefe” que mantinha sobre seu domínio mulher, filhos e escravos, possuindo direito inclusive sobre suas vidas. Observa-se então que o vocábulo trazia, em seu significado, um caráter hereditário, uma vez que se configurava como algo que poderia ser repassado e transmitido por entre as gerações (FURTADO, 2003).

Ao que tudo sugere, a proposta sobre a qual se embasou o surgimento da família em nada se aproxima das necessidades e simbolizações atuais envoltas sobre ela.

Observa-se um caminho de transformações e reconstruções de significados de sua origem até os dias atuais, segundo o qual a família se fundamenta, em seu princípio, pelo desejo de defesa de seus patrimônios, domínio, poder, necessidades econômicas e de garantia das forças de trabalho, passando, com a chegada da modernidade, a buscar aspectos antes desconsiderados, como a afetividade, a individualidade e o respeito (FURTADO, 2003, p.23).

A partir daí, torna-se possível compreender a validade empregada à família enquanto célula social e refletir sobre as causas da atual fragilidade nas relações familiares, bem como “os motivos que vem interferindo em sua estabilidade, uma vez que valores tradicionais rigidamente impostos à família por uma sociedade exigente” (FURTADO, 2003, p. 24).

No decorrer da história as famílias, foram substituídas por valores idealizados, os quais comportam também a dimensão psíquica das necessidades individuais do sujeito. Assim, a modernidade, por meio de suas rápidas e intensas transformações sociais refletidas na instituição familiar, veio substituir valores responsáveis pela sustentação das alianças familiares, por novos valores, mais éticos, pautados na igualdade e nos direitos do outro, e não em relações de opressão, dependência e desigualdade (FURTADO, 2003).

Nossa família é pautada no coletivo e igualdade sempre estava reunida, almoçávamos e jantávamos todos juntos a mesa, era uma hora sagrada esse momento. Recordo-me também dos domingos e as idas à igreja, todos íamos juntos, meu pai era o coordenador da

comunidade Nossa Senhora das Graças e alguns irmãos participavam de grupos de jovens. Nossa família era muito participante aos encontros relacionados à igreja.

Meu pai tinha o hábito de ler a Bíblia todos os dias, na hora de comer, nada de barulhos, sempre tivemos um bom ensinamento e respeito aos pais e aos mais velhos, tomar bênção todos os dias, ao deitar, levantar, enfim, era uma tradição familiar bastante valorizada pelas famílias nessa época.

Atualmente observo que os valores familiares estão desaparecendo, mas estes são essenciais para a construção da personalidade, mentalidade e comportamento da criança. Por isso, vejo que essa transmissão de princípios corretos não é apenas uma tradição familiar, bem como uma herança extremamente benéfica para o ser humano e foram esses ensinamentos que tiveram em minha formação marcas positivas.

Se existe algo ou alguém em que podemos depositar toda nossa confiança, é em nossa família. Ela nos mostra o que é certo, indica os melhores caminhos, e nos proporciona um amor verdadeiro e incondicional. Uma família em harmonia, que se ama mutuamente, permanece unida por uma vida toda. E é também fonte de exemplo para todas as gerações, inspirando a formação de novas famílias.

É também no ambiente familiar que conhecemos nossos primeiros valores e recebemos as primeiras regras sociais. Aprendemos a perceber o mundo, damos início a nossa identidade e somos introduzidos no processo de socialização. Por isso, é tão comum que nos comportemos como quem nos criou, como nossos pais e avós, trazendo traços da personalidade e atitudes muito semelhantes.

Minha mãe conta um fato que aconteceu comigo na minha infância. Quando tinha 3 anos de idade eu caí da ponte de casa que tinha uns três metros, partir meu rosto do lado direito, por ser tão pequena não lembro, mas como na época para se chegar até a cidade era uma dificuldade muito grande, pois as pessoas utilizavam muito a embarcação a remo, levando horas e horas para se chegar a Abaetetuba e na localidade onde morávamos não tinha posto de saúde e nem hospital, como também um bom profissional e material adequado por conta disso fiquei com uma cicatriz no rosto até nos dias de hoje.

1.1 Minha infância ribeirinha

Minha infância até uns cinco anos de idade foi vivida na zona rural, sendo este um tempo em que vivi vários momentos de aventura, descobertas, brincadeiras ao redor da casa,

brincava de “casinha”, banho no rio, e este por sua vez fabricava meus brinquedos de miriti, da argila, o tempo todo era brincando de faz de conta, foram momentos felizes de inventar e viver na imaginação, era muito divertido, tenho saudade daquela época em que tudo era aproveitado, uma meninice cheia de inocência feliz e saudável. Nesse tempo, lembro que as crianças não tinham tanto brinquedos como as de hoje, tínhamos que usar mais a criatividade para cria-los.

Brincar é uma importante forma de comunicação, é por meio deste ato que a criança pode reproduzir o seu cotidiano, num mundo de fantasia e imaginação. O ato de brincar possibilita o processo de aprendizagem da criança, pois facilita a construção de reflexão, da autonomia e da criatividade, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita entre jogo e aprendizagem.

Vygotsky (1998) acentua o papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil, pois é brincando, jogando, que a criança revela seu estado cognitivo, visual, auditivo, tátil, motor, seu modo de aprender e entrar em uma relação cognitiva com o mundo de eventos, pessoas, coisas e símbolos. Ainda podemos dizer que o ato de brincar acontece em determinados momentos do cotidiano infantil.

Oliveira (2000) aponta o ato de brincar, como sendo um processo de humanização, no qual a criança aprende a conciliar a brincadeira de forma efetiva, criando vínculos mais duradouros. Assim, as crianças desenvolvem sua capacidade de raciocinar, de julgar, de argumentar como chegar a um consenso, reconhecendo o quanto isto é importante para dar início a atividade em si.

Lembro saudosamente que fazíamos casinhas de palha à beira do rio, panelinhas de barro, nossos cavalos eram as folhas amarelas que caíam dos açazeiros, o dinheiro era representado pelas folhas e sementes de uma árvore denominada facãozeiro, o mais interessante eram as bonecas, feitas com a catita do cacho da palmeira chamada bacabeira ou com os do açazeiro.

Também me divertia, confeccionando bola feita do caule da aningueira, pião de sementes de árvores. Além disso, usava as sementes encontradas no rio para fazer boi e vaca para minha fazenda (de brinquedo).

Todas as noites, meu pai colocava os filhos em uma cama e contava histórias que estavam relacionadas com vários tipos de encanto, algumas me causavam medo, outras me deixavam encantada. Esses momentos fortaleciam os laços de carinho e ternura com meu pai, pois era quando ele voltava toda sua atenção para nós, mesmo estando cansado de um dia de

trabalho. Para mim o importante não era a quantidade de tempo, mas sim a qualidade do tempo que meu pai nos proporcionava.

Todas essas brincadeiras e momentos me proporcionaram uma infância muito feliz. Hoje, percebo o quanto isso fazia parte de minha aprendizagem, pois enquanto criava meus próprios brinquedos ou imaginava como eram os personagens, os ambientes e os fatos das histórias que meu pai contava, estava desenvolvendo minha criatividade.

Vejo como o meu ato de brincar e criar meus próprios brinquedos foi importante para a aquisição de conhecimentos, pois eu aprendia brincando, pensava, organizava, juntava as formas e os tamanhos, a socializar com o outro e a sermos independente, as crianças do interior por não terem muitos mimos e brinquedos prontos a seu redor, são independentes. E nos tempos de hoje com os avanços da modernidade, a tecnologia trouxe brinquedos que não exigem a criatividade das crianças, pois elas já encontram tudo pronto. Vivemos na era digital onde maioria das crianças se prende em celulares e computadores dificultando o aprendizado e a interação ao meio em que vivem e a tendência é que essas brincadeiras tradicionais percam espaço nas preferências infantis.

CAPÍTULO II- O PERCURSO DE MINHA ESCOLARIZAÇÃO

O presente capítulo tem como objetivo escrever sobre o meu ingresso na escola que aconteceu com sete anos de idade, em seguida aprendendo a ser professora, que foi a minha primeira experiência como professora.

2.1 O ingresso na escola

Ingressei na escola pela primeira vez com sete anos de idade, na época não se tinha escolas nas ilhas, o estudo acontecia nas casas com pessoas que não tinha formação acadêmica, era aquela que tinha o saber das cartilhas, tabuada, ABC.

Minha mãe colocou-me para aprender o ABC na casa da senhora Marita, íamos de canoa remando, lembro que minha mãe juntava folhas de papel e costurava, formando assim meu caderno, se arrancasse uma folha e despencava o resto, esse foi meu primeiro contato com a escrita. Depois o que muito me ajudou no processo de aquisição da leitura e escrita, foi eu ajudar meus pais com a venda na mercearia, tudo isso sem saber e hoje me recordando, penso que isso muito contribuiu com a minha educação, desde o trabalho com os rótulos, a “leitura” deles até fazer a conta dos trocos de dinheiro.

Nessa época o estudo nas ilhas não era para todos, por não ter uma obrigatoriedade ou consciência por parte dos pais, visto que para eles o estudo não era prioridade, muitas crianças dessas comunidades ribeirinhas não tinham essa vantagem gastavam as horas em trabalhos braçais e não recebiam nenhuma instrução dentro ou fora de casa, e estas abandonavam os estudos para auxiliar seus pais nas várias atividades do campo e doméstica, e isso era visto como normal algo rotineiro.

O método utilizado pelas professoras que recorde era a tabuada e a cartilha, não tinha dinâmica e nem recursos didáticos, como o estudo era na casa da professora sentávamos nas cadeiras que ali tinham. A maioria parte da matéria era para ser decorada e recitada na ponta da língua, era uma disputa entre os que ali estavam. A tabuada era para ser decorado um método um tanto mecânico e rígido. O professor ensinava e o aluno apenas recebia o conhecimento de uma forma pronta e acabada, onde opiniões e ideias dos alunos não eram apreciadas. O ensino ainda era formal, centrado apenas nas informações.

De acordo com Paulo Freire (1987) esse ensino se configura como uma educação bancária que é caracterizada por uma ação meramente técnica, em que o professor é o dono do

saber e apenas depositava os conhecimentos, e nós alunos tínhamos que memorizar e reproduzir os conceitos e regras daquele ensino fragmentado.

No ensino tradicional, o aluno não aprendia, apenas memorizava os conteúdos, as letras e os números. Foi o que aconteceu comigo, lembro que só consegui aprender a ler com muita dificuldade na 3ª série do ensino fundamental, daí em diante, melhorar as minhas notas nas avaliações e seguir em meus estudos.

Neste sentido ainda para Paulo Freire (1989) o desenvolvimento da capacidade de ler as letras e o mundo é uma tarefa árdua e que o professor tem papel indispensável nesse processo.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 09).

Sendo assim, a partir das análises de Freire, percebemos que o professor precisa compreender os processos envolvidos na aquisição necessária ao aluno para o domínio dos campos da leitura.

O diálogo entre professor e aluno era uma situação isolada, a qual separava o professor do aluno como indivíduos distantes um do outro, onde o conhecimento era absorvido automaticamente e mecanicamente sem muito espaço para questionamentos, tornando o saber desinteressante. A meu ver não era um lugar atrativo, onde eu sentisse vontade de ir estudar, era uma “escola” muito diferente das do tempo de hoje.

Por outro lado, hoje em dia, num mundo digital e globalizado temos oportunidade de ter uma educação mais crítica, participativa, comunicativa e também capitalista. O professor e o aluno interagem, trocam experiências para construir um saber pleno e integral. Vemos, nas escolas, mais espaços democráticos, prazerosos, alegres e dinâmicos, em que professores e alunos podem construir mutuamente esses momentos de uma forma cooperativa para formar um indivíduo melhor (SILVA; CORREA, 2014).

As transformações são visíveis: existe a necessidade de transformar para a vida, a liberdade de opinião e expressão é exigida, os desafios futuros retratam um interior irrequieto inconformado com a mesmice, a novidade é motivadora. Hoje em dia temos a nosso favor o mundo da tecnologia. O aluno tem contato com muitas informações e cabe ao professor filtrar essas informações e utilizá-las na sala de aula (SILVA; CORREA, 2014).

E no ano de 1994 me mudei para a cidade e foi estudar na Escola Estadual de 1° e 2° grau Dr. Vicente Maués, no município de Abaetetuba, foi um ano difícil para mim e meus irmãos, pois morávamos sós meus pais ainda moravam nas ilhas, ficávamos sozinhos sob a orientação de minha tia que as vezes nos ajudava com a comida e os afazeres da casa. Com minha tia Izabel, irmã de meu pai, aprendi a cuidar da casa e a fazer comida, mas essa “responsabilidade” não me fez perder a minha infância e adolescência.

Na rua onde residiam, todos brincavam sem preocupações, pois não havia perigo de violência e nem de trânsito movimentado. Recordo que havia sempre uma época específica para cada brincadeira. Assim havia o período em que só se jogava taco bola, em outra apenas peteca, depois elástico, futebol no quintal de casa e assim continuava em outras brincadeiras, tínhamos espaços. Meus amigos eram os irmãos e primos, em alguns momentos aconteciam brigas entre nós, mas que rapidamente eram resolvidas e tudo voltava a sua normalidade.

Dessa época eu tinha duas primas que moravam com minha tia, a qual nos ajudava na ausência dos meus pais, nós éramos inseparáveis, Edinaelma e Leidinha parecíamos irmãs. Como nessa época nossos pais eram bem rígidos, não tínhamos quase amigos, brincávamos muito juntas, nosso quintal era bem grande e era bem explorado por nós, nossas brincadeiras eram diversas: de casinha, taco, bola, peteca, e outros, era um tempo bom, de muita inocência e diversão.

Hoje é uma pena que meu filho não possa brincar na rua, como eu brinquei, devido aos perigos, que naquela época, em outro momento histórico, não havia. Segundo Aires (1981), infância, ou melhor, o sentimento de infância muda de acordo com a sociedade e com o momento histórico vivido. A cada época mudam-se os brinquedos, as brincadeiras e os conceitos em relação a essa fase da vida.

Nos estudos era cada um por si, por essa consequência, pela falta de apoio diário de meus pais na 1ª série fui reprovada, pois a participação dos pais na vida escolar de seus filhos, pode contribuir não só para melhorar o desempenho escolar deles, mas também seu desenvolvimento pessoal e social. Um ano depois meus pais vieram morar conosco e o rendimento escolar começou a melhorar, mesmo meus pais não terem terminado os estudos (estudaram até a 4ª série), sempre nos incentivaram a estudar.

Dá época de estudos na escola Doutor Vicente Maués tive muitos professores que marcaram pelas suas boas práticas pedagógicas, ensinavam com amor e dedicação. Compreendemos que a prática pedagógica não se limita apenas a sala de aula, o fazer docente se estende para os diferentes espaços da escola.

Segundo Carvalho (1998) um dos pilares do trabalho do professor é a prática, pois ele está em ação grande parte do seu dia, da sua vida.

Entretanto, eu vejo que a prática não pode acontecer de forma isolada e sem reflexão. O trabalho docente precisa ter uma reflexão crítica para que a coerência e a consistência não fujam dos objetivos pensados pelo educador. Sendo assim, é preciso uma constante auto avaliação por parte dos docentes, para se certificar se o que está ensinando está correto. Sem o significado consciente, sem o pensamento reflexivo, a atividade prática torna-se mecânica e rotineira (DEWEY, 1959).

E uma professora que me marcou foi a Celina pela sua boa prática e seu lado humano, essa eu tinha o prazer em estudar, pois cuidava de seus alunos como filhos, nós tomávamos bênção quando chegava na sala, ela tinha um bom diálogo conosco, era paciente e amorosa, lembro dela até hoje e por onde me vê fala comigo. Freire (1996, p. 96) afirma:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

Por outro lado, tinha os professores autoritários que em suas aulas não podíamos conversar entre si e ele não tinha diálogo com a turma, e se saíssemos das carteiras sem permissão ficávamos de castigo, mas lembro desse período pelo lado positivo, pois foi na escola Doutor Vicente Maués que aprendi as primeiras letras, a ler e escrever, lá estudei até a 4ª série.

Como ponto positivo que me marcou e lembro até hoje, todos os dias tinha o hasteamento da bandeira, cantávamos o hino nacional e o de Abaetetuba, era bem respeitado, observo que esse tipo de educação está se perdendo, dificilmente se vê isso nos dias de hoje. Na hora do lanche fazíamos as filas que eram organizadas por turma. A regra básica era: “os menores na frente e os maiores atrás”. Dessa forma, sempre ocupei o ultimo lugar da fila e os lugares de trás da sala de aula, minha estatura por ser alta, eu sempre era a maior da sala.

Da 5ª a 6ª série estudei na Escola de Ensino Fundamental e Médio Terezinha de Jesus Ferreira Lima. Na 7ª série fui estudar para a escola de Ensino Fundamental e Médio Professora Benvinda de Araújo Pontes, também gostei muito, os professores na maioria eram bem dinâmicos, quase sempre a instituição realizava gincanas, teatro, feira literária e isso lembro com muita alegria até hoje, pois eu participava, muitos na maioria das vezes era critério de avaliação concluindo assim meu ensino médio no ano de 2004.

2.2 Aprendendo a ser professora

Logo após o término do médio no 2º semestre do ano de 2004, minha irmã, que é professora, me incentivou a fazer o PROFAP (Projeto de Formação e aperfeiçoamento Pedagógico para Professores), pois ser professor era a opção mais escolhida e qual o mercado de trabalho melhor oferecia, então concluir o curso de Formação Pedagógica: Complementação de Disciplinas Pedagógicas do Ensino Médio Normal, no Centro Escolar “Caminheiro do Bem”, em Abaetetuba PA.

Em 2009 fiz o vestibular particular para Educação Física e fui aprovada, gostei do curso, na área da educação com educadora física nunca trabalhei, porém trabalho como professora de hidroginástica e natação até nos dias de hoje.

Nesse período, antes de me formar eu fiquei noiva e formei minha família, com meu esposo Jonilson, uma nova fase de mais responsabilidade, não senti tanto pois, já cuidava da casa da minha mãe, já fui sentir por ficar longe de meus pais e familiares, demorou um pouco essa adaptação, mas sempre que podíamos íamos a casa da mamãe matar a saudade, assim me adaptei logo.

De primeiro de setembro de dois mil e onze a dezessete de outubro de dois mil e dezesseis foi contratada pela prefeitura de Abaetetuba para trabalhar como professora na Creche Irmã Eufrásia Maria de Belém, localizada na cidade de Abaetetuba, no bairro de Francilândia. Na gestão da senhora Conceição Pontes, uma pessoa da qual tenho muito respeito e admiração, pois foi minha primeira gestora e nunca mediu esforços para nos ensinar o que sabia.

No ingresso ao ambiente escolar, mais precisamente em sala de aula como educadora da rede pública de educação infantil, isto tendo eu somente o curso de formação de professores, senti-me desafiada por nunca antes tido essa oportunidade, busquei a realizar pesquisas na área e a instituição de ensino oferecia algumas formações, enfim, depois me identifiquei e gostei.

A creche trabalha os três pilares: cuidar, educar e brincar, sendo estes pilares importantes na prática pedagógica da educação infantil. Aquele que se propõe a trabalhar na educação infantil deve estar disposto a se desafiar em processo recheado de possibilidades e responsabilidades e o educador acima de tudo deve gostar de crianças, esse era o nosso público na creche: as crianças a partir de 06 meses de idade.

Trabalhar na creche foi uma experiência nova tanto para mim enquanto professora quanto para o município, pois essa era a primeira creche implantada em Abaetetuba, um desafio e tanto, mas com muitas pesquisas, embasamento de alguns teóricos e muita formação de como direcionar e trabalhar na creche, principalmente suas rotinas, o sonho se tornou possível, e após essa, construíram outras e outras creche para o município de Abaetetuba.

Em 2013 a minha família ficou mais linda e completa, veio ao mundo o meu filho João Gabriel, uma nova fase, pois agora além de dona de casa eu era mãe, ia cuidar do meu filho que veio pra completar nossa alegria, a criança é uma benção para o casal, mais alegria a nossa casa.

CAPÍTULO III- O INGRESSO NO PARFOR E A FORMAÇÃO SUPERIOR

O presente capítulo tem como objetivo narrar sobre a minha entrada no curso superior de pedagogia através do programa PARFOR, em seguida falo sobre as contribuições do curso de pedagogia e o reflexo em minha prática docente.

3.1 A entrada no curso superior

O Programa de Formação continuada-PARFOR, é um programa do governo Federal para capacitar professores em exercício há pelo menos 3 anos na rede pública de educação para quem não possui formação adequada (BRASIL, 1996).

Nóvoa (1991) aponta a importância do poder político do estado na organização de cursos de formação e o saber do professorado na organização dos programas de ensino desses projetos, que se produz a profissão docente, onde o momento chave da socialização e da configuração pessoal dar-se à na formação de professores.

Através do PARFOR em 2014 ingressei no curso de Pedagogia UFPA, turma 2014-B, devido a experiência na educação infantil e ter gostado muito, optei por me inscrever no curso de Pedagogia, porém não foi tão fácil como pensava, descobri que a minha amiga que trabalhava comigo na creche se inscreveu para o mesmo curso e tinha o mesmo nome que o meu, éramos homônimas: Maria Lucia Pinheiro Cardoso e o sistema não tinha como comprovar quem era que havia sido classificada, mas não desistimos.

Com a ajuda do amigo que na época trabalhava no PARFOR UFPA Professor Pablo, nos incentivou a continuar estudando enquanto a situação não havia sido resolvida, confesso que não foi nada fácil, por começar que o nosso nome não existia na lista de chamada e toda vez que vinha um professor novo nós éramos tratadas como se não fôssemos alunas, não tínhamos número de matrícula e por consequência o direito de fazer uma pesquisa no laboratório de informática, por exemplo, nos eram negado, não aparecíamos na sede do PARFOR e nem no sistema do SIGAA, onde o aluno faz seu cadastro através do número de matrícula e nós ainda não tínhamos.

A angústia e o desespero eram tanto que um dia pegamos toda a nossa documentação e fomos até Belém, queríamos conversar com a professora Ludetâna, outras pessoas nos atenderam, pediram para aguardar, mas não se resolveu nada, lembro-me que quando o professor Alexandre Cals veio ministrar uma disciplina a nossa turma, era ele que estava na

coordenação da Pedagogia do PARFOR do Campus de Abaetetuba, contamos toda a nossa situação e ele falou a nós duas que iria para Belém resolver nosso problema, e foi. Já por intermédio dele que nós finalmente conseguimos. Decidiram ficar as duas e geraram um número de matrícula para cada uma de nós, ficamos alegres, foi uma conquista e tanto.

Ao ingressar no curso de pedagogia me deparei com outros professores na turma de pedagogia que há muito tempo trabalhavam na educação básica, alicerçadas nas experiências vividas, porém carente do aporte teórico. Era isso que muitos vinham buscar: relacionar suas práticas a teoria que apresentasse fundamentação ao seu trabalho, além do seu desenvolvimento pessoal, cultural e profissional.

A minha primeira dificuldade ao começar estudar era ficar fora quase o dia todo, longe de meu filho que ainda mamava, acordava cedo antes de ir a universidade, tirava leite do peito para deixar. Também em relação aos estudos pensei que fosse ficar reprovada, pois o ensino que tive até então foi muito “fraco” em relação ao que estava aprendendo agora.

Eram muitas informações, muitos conteúdos novos, trabalhos e ao mesmo tempo, teorias, conceitos, alguns eu nunca tinha ouvido falar. Não estava acostumada a ler tanto.

Lembro-me de uma professora chamada Neusa, já de idade avançada, que detinha de um conhecimento riquíssimo, muito experiente, ao mesmo tempo em que ministrava sua disciplina, que não lembro muito bem, nos ensinava bons modos e cobrava a forma como deveríamos nos portar, ser pontual, nossa vestimenta, isto para mim não foi ruim, pois me marcou positivamente, trago até hoje para a minha vida, pois ela com toda experiência de vida e acadêmica, não estava errada.

A partir desse momento cada dificuldade para mim era um incentivo para não desistir, tinha que me superar. Também comecei a ouvir falar e ler sobre Piaget, e sua teoria de que o desenvolvimento da criança é um processo temporal, ou seja, acontece em diferentes níveis ou estágios. São eles: sensório-motor, pré-operatório, operatório-concreto e operatório-formal. Sua teoria nos ajuda a entender como se dá a construção do conhecimento dentro de cada etapa ou estágio. Também estudamos muito sobre Vygotsky com sua teoria histórico-social, para ele o indivíduo é um ser social e histórico, cuja consciência é fruto das formas pelas quais concretiza sua participação no mundo e se apropria dos conhecimentos historicamente construídos e transmitidos, assim sua ideia central é que a aquisição do conhecimento se dá através da interação do sujeito com o meio. Ambos são importantes para compreender a criança e o seu desenvolvimento. Logo comecei a gostar da leitura, pois fazia parte da minha prática docente.

Lembro da nossa primeira professora, Graça Sardinha que ministrou a disciplina: História da Educação, foi muito compreensiva e nos ajudou muito com suas belas palavras: “as dificuldades serão muitas, mas não desistam, estudem e leiam muito” foram suas palavras. Disso eu nunca esqueço. Começamos uma nova fase de vida, pois ingressar na UFPA era um sonho do qual eu havia tentado algumas vezes e não tinha conseguido, estar ali para mim, era maravilhoso, cada dia eu explorava um espaço daquela linda instituição.

Outra dificuldade que tive foi ter que me expressar participar das discussões, de seminários, isso porque na minha época de estudos não fomos educados para sermos críticos, reflexivos. Mas na Federal tive que mudar minha postura, fui incentivada a participar, colocar meu ponto de vista, concordar ou discordar, tive que superar minha timidez, e até que não demorou muito, logo a timidez ficou de lado e quando vi, lá estava eu, toda desembaraçada nos seminários e discussões, posso dizer que a minha formação superior contribuiu para o início de uma consciência crítica e reflexiva.

Algumas aulas eram estimulantes e outras não, mas eu sempre buscava o novo, aprender mais. As aulas que mais gostava eram as de metodologias, recreação, pois me levavam sempre a minha prática na educação infantil.

Nesses períodos foram muitos encontros e desencontros, me recordo também das dificuldades que era para nós estudar em algumas etapas em escolas que às vezes não nos davam uma boa estrutura e nem conforto, as salas eram quentes, poucas cadeiras, não tínhamos lugares para fazer nossos trabalhos, biblioteca, xerocadora. Mas olho sempre para o lado bom, pois através desta formação é possível melhorar a qualidade profissional do professor e, por conseguinte, promover mudanças na qualidade do ensino. Afinal os cursos de formação docente têm como objetivo central oferecer aos Licenciados conhecimentos teórico-práticos necessários, instrumentalizando-os para o exercício competente da função.

Para Libâneo (2002, p.42) “O sistema de formação da carreira do magistério precisa prever formas de estímulos à iniciativa individual de auto formação e desenvolvimento profissional”, de modo que os professores tenha acesso a melhores níveis salariais.

É relevante aqui falar dos nossos estágios supervisionados, pois visto que ao estagiarmos na área de professor estávamos ali como alunos, mas que conheciam e vivenciavam aquela prática, às vezes acabávamos por ajudar as professoras da sala, o que achávamos de “novo” era algumas metodologia utilizada por quem ali estava, mas sempre fomos bem recebidos, para mim foi novidade estagiar na área da gestão, coordenação, EJA, pois ainda não tinha tido essa oportunidade de trabalhar nessas áreas.

Sabe-se que o estágio é necessário e importante, pois é o caminho principal para associar a teoria e a prática. Se ganha experiências, sendo que essas se adquirem na prática, essa prática que permite ao acadêmico vivenciar o cotidiano da profissão escolhida.

Para compreensão do estágio contei com o importante apoio do teórico Jean Piaget quando se refere ao fato de que o docente precisa respeitar o ritmo e o desenvolvimento de cada educando quando for planejar e aplicar suas aulas.

Hoje considerando o que vivi no meio acadêmico reconheço que tive a oportunidade de aprender e ressignificar a minha prática, levando para o meu cotidiano de trabalho o que aprendi na Universidade, pois a prática sem a teoria não pode avançar para o que se propõe a educação neste momento tão complexo de mudanças.

É muito comum ouvirmos falar que ser professor hoje em dia não é fácil. Tal afirmativa talvez se deva ao fato de assistirmos a tantas mudanças na ordem do conhecimento e da vida em sociedade que exige conhecimentos mais especializados e abrangentes, diferentemente daquela representação do professor como um sacerdote, atendendo a um chamado divino.

Nesses quatro anos, o que mais me marcou na Universidade além do que se propõe o curso de pedagogia, espaço onde ampliei meu aprendizado foram os horários de fazer os trabalhos, onde sempre estávamos juntas, nossa equipe, eu, Lúcia, Luana, Rosiléa, Nelma e Olinda. Esse momento era onde nós compartilhávamos conhecimentos, saberes, sem medo de errar, experiências expostas, uma ajudava a outra nas dificuldades da disciplina ou até mesmo pessoalmente, mas também brincávamos e ríamos, eram muitos os aprendizados, sempre nos reuníamos na casa da Nelma e da Lúcia. Tudo isso teve um significado importante para a nossa formação.

No decorrer da minha formação todas as disciplinas foram fundamentais para o arcabouço de conhecimento que se foi acumulando ao longo da formação. Mas as disciplinas Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento, Psicogênese da língua Oral e Escrita, Planejamento Educacional, Prática de Ensino além dos Fundamentos Teóricos e Metodológicos das disciplinas afins entre outras foram de suma importância para formar a base do conhecimento que eu pude acumular nesses quatro anos e agora levando para minha prática.

O ano de 2016 para 2017 houve as eleições e por ser professora contratada e não concursada, foram vários professores demitidos e eu fui dessas, fiquei o ano de 2017 sem trabalhar, me dediquei somente a estudar, aperfeiçoar e comecei a estudar um curso de extensão de LIBRAS-Língua Brasileira de Sinais, pois também gostei e muito me interessa a

aprender, pois as pessoas surdas estão inseridas em nosso meio, nas igrejas, empresas, escola, temos que estar apto a se comunicar com eles, pois sem uma formação específica nesta área é praticamente impossível aos professores realizar a inclusão do surdo na sala de aula.

Acreditamos que um processo de transformação social só é viável quando se respeitam os sujeitos envolvidos e suas necessidades. Portanto, os educadores têm um papel decisivo nesse sentido, pois são instrumentos de inclusão social, capaz de fomentar a construção de uma sociedade mais cidadã, portanto mais justa e, menos segregativa, que acolhe seus filhos, independente das diferenças que eles revelam ou dos limites que parece possuir (SANTIAGO, 2009)

No ano seguinte fui chamada a trabalhar como professora pela prefeitura de Abaetetuba, para minha surpresa no mesmo local que trabalhei na creche irmã Eufrásia, fiquei feliz, pois voltar ao lugar por onde comecei foi uma grande alegria, mas confesso que senti a falta das amigas quando trabalhávamos juntas, pois não estavam mais lá, menos a minha amiga que falei no início: Maria lúcia pinheiro Cardoso, ela também havia sido contratada para trabalhar no mesmo período que eu, que coincidências da vida; amiga homônima, amiga de faculdade, amiga de trabalho e amiga do coração.

No meu retorno foi um desafio para mim, pois eu iria trabalhar na creche com uma aluna com deficiência, não sabia nem por onde começar, apesar de ter tido uma disciplina relacionada a essa área, visto que era diferente, pois eu tinha o conhecimento teórico e não o prático, mas mesmo o meu preparo não ser o suficiente para me senti segura, fiz o meu trabalho da melhor forma que pude ou soube fazer, mas logo não demorou muito as crianças aceitaram de forma natural e tinha um grande carinho, amor e cuidado por ela, percebi que embora seu desenvolvimento não fosse tão significativo quanto os demais, percebi que ela era feliz e gostava de estar ao lado dos colegas, isso é inclusão, e essa interação com os coleguinhas a fez muito bem. Após essa experiência vejo que a inclusão é útil e necessária. Essa educação especial vem desde 1961, recebendo espaço nas Leis de Diretrizes e Bases a Educação Nacional, como mostra a seguir os artigos:

Lei 4024/61. Art. 88 - a educação dos excepcionais deve no que for possível enquadrar-se no sistema geral da educação a fim de integrá-los na comunidade.

Lei 5692/71 - Os alunos que apresentarem deficiência física ou mental ou que encontrarem em atraso considerável quanto a idade regular de matrícula e os superdotados, deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes conselhos de educação (BRASIL, 1996)

Assim como a Constituição Federal que também introduziu vários dispositivos aplicáveis a educação especial. A lei 7853/89, reafirmou a oferta obrigatória e gratuita da educação especial em escolas públicas.

3.2 Contribuições do curso de pedagogia-PARFOR e a minha pratica docente.

De acordo com Freires e Camargo (2016, p. 04) o PARFOR articula-se à Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, instituída pelo Decreto nº 6.755/2009:

O Plano foi implantado, segundo o que dispõe os documentos oficiais com a finalidade de corrigir os déficits da formação de professores. É realizado em parceria com as secretarias de educação, as quais coordenam as ações de formação direcionadas aos professores da Rede Pública de Ensino, além de atuar junto ao Fórum Permanente de Apoio à Formação Docente nos Estados (FREIRES; CAMARGO, 2016, p. 04).

Os cursos do PARFOR, são direcionados à formação de professores da educação básica que ainda não possuem o nível superior, por isso apresentam algumas singularidades, visto que não se apresentam apenas como uma formação inicial, mas também continuada, uma vez que “oportunizam situações em que os licenciandos que já são professores possam se situar no campo educativo, frente a questões importantes da educação, o que propicia conexões com a prática docente”, além de leva-los a reflexões sobre suas experiências (FREIRES; CAMARGO, 2016, p. 04).

O curso de Pedagogia/ PARFOR ao longo desse processo cumpriu um papel de muita importância para mim, pois me possibilitou uma melhor reflexão da minha postura não só como professora, mas como cidadã. A prática docente, antes e após entrar na universidade, possibilitou-me também um novo olhar para a minha turma, acerca de certas dificuldades e agressividade dos alunos, pois essa reflexão é uma prática que exprime o poder para construir a vida social, ao participar na comunicação, na tomada de decisões e a ação social. Pois vejo que a prática não pode se mecanizada, necessita sim passar pelo processo de reconstrução para que assim o professor possa sentir-se impulsionado a construir novas ideias, pois para alcançar o “novo” necessita de capacitação e atualização, acompanhado de avaliações críticas sobre a profissionalização (LIBANEO, 2001).

E nesse método de reflexão proporcionado em sala de aula que eu fui fazer a semelhança entre a teoria prática, sendo este indispensável da atuação docente, tem que caminhar juntos, desvelando meu fazer docente.

Aprendi a nunca me acomodar e sempre procurar respostas as inquietações e dúvidas. Este novo olhar me fez mais crítica, reflexiva. Porém há ainda resposta que algumas vezes não encontro, por isso pretendo continuar estudando, pesquisando, pois há sempre algo a ser descoberto.

Foi nessa troca de saberes e de querer fazer a diferença que os professores do PARFOR/UFPA que ministraram as disciplinas contribuíram com a minha formação.

Nesta perspectiva de mudanças, houve uma alteração no cabedal de conhecimento que adquirir ao longo desses quatro anos principalmente quando foi atuar na Creche Irmã Eufrásia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desses quatro anos de estudos cada disciplina e teorias analisadas tiveram sua importância e contribuiu para a minha formação enquanto “futura pedagoga” e para tornar o ser humano que sou hoje. Acredito que todos os conteúdos obtidos no curso serviram como base para uma postura pedagógica capaz de contribuir para uma melhoria no campo educacional.

A partir da conclusão deste curso estou vendo a nova educação, os métodos de ensino, não só meus, e sim, de todos aqueles que estão concluindo este curso, vejo uma educação com cara nova, educadores conscientes e comprometidos, capazes de atingir boas transformações no campo da educação nacional.

Buscarei colocar em prática tudo o que aprendi durante este curso. Tomarei as metodologias adequadas e incentivadoras para que no futuro, educandos possam colher dentro de suas próprias casas os bons frutos de tudo que eles conseguiram semear na escola.

Enfim, vejo o quão importante foi este trabalho, serviu-me para refletir sobre o meu papel de educadora, tenho certeza da minha grande importância na construção da educação dentro da minha comunidade e as experiências vivenciadas no decorrer deste curso servirão como suporte para reflexões e melhorias na minha prática.

Por fim, termino aqui meu memorial deixando escrito um pouco da minha biografia acadêmica e junto também um pouco da minha felicidade em dizer que hoje sou graduada, e que não pretendo parar por aqui, com fé em Deus do mesmo modo como ele me concebeu essa vitória tenho certeza que ele irá me ajudar a chegar mais diante e cursar uma pós-graduação e mais, quem sabe um mestrado já que é mais um dos meus sonhos que pretendo alcançar.

Essa foi apenas uma das etapas que consegui em meio a outras que pretendo. Pois acredito que ser docente é sonhar com o futuro que poderá ser mudado se o empenho para tal for alcançado, mas para isso temos que estar continuamente buscando, estudando, pesquisando para inovarmos nossos conhecimentos e nos tornarmos bons educadores tanto na vida acadêmica, pessoal e também profissional.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M.H.M.B. (org.). **História e Histórias de Vida** – destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BARROS, Flávio Bezerra. **Sociabilidade, Cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará**. Revista Unisinos 45(2):152-161 maio/agosto 2009 by Unisinos – doi: 10.4013/csu. 2009.45.2.07.

BILAC, E. D. (2000). **Família: Algumas inquietações**. In: Carvalho, M. do C. B. (Org.). **A Família Contemporânea em Debate**. 3ª edição. São Paulo: EDUC/Cortez. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17º, ed. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia a autonomia – Saberes necessários à prática educativa**. 33. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam/** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRES, A. C. S. CAMARGO, A. M. M. **O PARFOR/UFPA e suas implicações para o estado do Pará**. Rev. Educ., Cult. Soc., Sinop-MT, v. 6, n. 2, p. 424-438, jul./dez. 2016.

FURTADO, S. C. (2003). **A Família e a Educação para a Individualidade na Sociedade Moderna**. Disponível em: <http://www.jungpsique.com.br/textos/doc/familiaeeducacao.doc>. Acesso em: 18 Abril. 2018.

KOZIEVITCH, V.F.J. DIAZ, F.R. DIAS, J.F. TOFFOLI, S.M. **Caracterização de argilas utilizadas para fabricação de cerâmica estrutural na região de monte Carmelo, MG**. Congresso Brasileiro de Engenharia e Ciência dos materiais, 14., 2000, São Pedro - SP. Anais. LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola: Teoria e Prática**. 5º ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIBÂNEO, José C. **Formação de Professores e Nova Qualidade Educacional - Apontamentos Para Um Balanço Crítico**. Educativa - Rev. Dep.Educação UCG, Goiânia - GO, v. 3, p. 43-70, 2000.

MACHADO, Jorge (org.). **O município de Abaetetuba: geografia, física e dados estatísticos**. Abaetetuba-PA, 2008.

MACHADO, Jorge (org.). **História de Abaetetuba: Com referenciais na história social e econômica da Amazônia**. Abaetetuba-PA, 2014.

SILVA, Renildo Franco da. CORREA, Emilce Sena. **Novas tecnologias e educação: A evolução do processo de ensino e aprendizagem na sociedade Contemporânea**. Educação & Linguagem · ano 1 · no 1 · Jun. · p. 23- 35 · 2014.

SANTIAGO, Sandra A.S. **Exclusão Mundial da pessoa com Deficiência: Educação para que?** Tese de Doutorado. João pessoa: UFPB/PPGE, 2009.

BRASIL, LDB 9.394/96Lei 5.692/71 IBGE, **Divisão Territorial do Brasil e Limites Territoriais**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 1 de julho de 2008. Consultado em 11 de outubro de 2008